

**CENTENÁRIO**

Um século. Seria a idade que comemoraria meu pai Wilson caso ainda vivesse nesse mundo desembestado. Nasceu numa fazenda de Guapuã (hoje Cristais Paulista) na região da Borda da Mata que pertenceu a Franca por bastante tempo, bem próxima à fronteira com Minas Gerais. Veio morar na cidade quando meu avô Arlindo conseguiu transferência para lecionar no final dos anos 1930, até então viveu em fazendas e no Buritizinho, outro pequeno assentamento urbano do município. Meu bisavô era conhecido por João “Paracatu”, um amansador de burros que vinha daquelas bandas das Gerais. Minha avó Delminda era descendente da família do Anselmo de Barcellos, fazendeiro engraçado que tacou fogo na cidade e no juiz da velha Franca do Imperador num violento episódio conhecido como “Anselmadas” por volta de 1840.

Meu pai sempre foi um homem curioso e interessado nas outras pessoas, raríssimo encontrar alguém que o criticasse. A vida toda ajudou a encaminhar pessoas pela vida, seja orientando ou arrumando trabalho, era um Posto de Atendimento ao Trabalhador ambulante, embora nunca tenha tido emprego público. Começou a trabalhar cedo, no início dos anos 40. Pegava o trem com uma mala cheia de sapatos Palermo e ia visitar lojistas nas cidades paulistas e mineiras servidas pelas estradas de ferro que existiam. Sempre contou boas histórias desses tempos, quando ficava no Hotel Cobra em Guaxupé ou tinha que correr para fazer a baldeação entre a Mogiana, a Goiás ou a Rede Mineira de Viação.

Fez curso de contabilidade (dizia com orgulho ser guarda-livros), passou no concurso do Banco Hipotecário e assumiu o cargo em Araguari em 1945. Pouco depois de começar o trabalho, casou-se com minha mãe Helena e viveram lá por alguns anos, meu irmão mais velho nasceu em Araguari. Em 1948 estava de volta e aqui ficou até morrer em 2010. Logo que voltou, recomeçou a trabalhar como vendedor de couros para complementar a renda de bancário. Com o talento para conversar, as amizades que tinha e o deslanche da indústria de calçados, deu certo. Empreendedor, logo montou um curtume com sócios, depois um sozinho, que tocou com os dois filhos mais velhos. Pôde oferecer à família, minha mãe e seis filhos, boa educação e conforto, além de ajudar inúmeras instituições filantrópicas e pessoas, chegou a ser vice-provedor da Santa Casa de Franca por vários anos.

Gostava de viajar, foi à Europa, Paraguai e Argentina. Sua grande paixão era o esporte. Jogou futebol, torcia para o São Paulo e era torcedor fanático da Francana, onde também foi dirigente. Acompanhava o basquete desde os tempos do Clube dos Bagres. No final de semana, seu prazer era quando os três ganhavam – o Tricolor, a Veterana e o Clube dos Bagres e ia pra Praça Barão gozar os amigos corinthianos. Viajava para ver jogos. Politicamente, era centro-esquerda. Apoiava o PTB contra a UDN, certamente influenciado por seu grande amigo comunista Afonso Bicalho dos tempos do banco Hipotecário. Chegou a votar em Lula. Saudades do sujeito alegre, brincalhão, que gostava de ouvir e contar histórias, de ler, de filmes de cowboy. Ah, e de colocar apelidos nos outros.

Mauro Ferreira é arquiteto